

Literatura de Cordel nas ruas e nas livrarias

Coleção da Editora Hedra viabiliza acesso a obras consagradas da literatura popular

*Karina Janz Woitowicz*¹

Patativa do Assaré, Zé Vicente, Téo Azevedo, Zé Melancia, João Martins de Athayde, João Melquíades Ferreira da Silva, Antonio Klévisson Viana Lima, Leandro Gomes de Barros, José Pacheco da Rosa, Francisco Melchíades Araújo, Zé Saldanha, José Camelo de Melo Resende, Gonçalo Ferreira da Silva, João Ferreira de Lima, Chico Traíra, Severino do Horto, João de Cristo Rei, Ignácio da Catingueira ... Estes são alguns dos inúmeros autores da literatura de cordel no Brasil, que muitas vezes permanecem desconhecidos por grande parte do público brasileiro.

Através da coleção Biblioteca de Cordel, a editoria Hedra se propôs a selecionar 50 estudiosos que, por sua vez, escolheram 50 poetas populares de destaque e seus principais poemas para serem publicados em livro. São reproduções fac-similares de folhetos de cordel, com a impressão xilográfica típica dos livrinhos que circulam principalmente nas praças, feiras e festas populares das regiões Norte e Nordeste do País.

Sobre a origem da literatura de cordel, sabe-se que

“Tais manifestações, marcantes da tradição cultural ibérica, singraram os mares e cedo chegaram ao Brasil, na bagagem dos colonizadores lusitanos. No Nordeste, elas passaram da oralidade à escrita, perenizadas num gênero conhecido como “ literatura de cordel”. Eram folhetos, contendo estórias em versos, vendidos nas feiras livres das áreas rurais, geralmente expostos em varais (ou cordéis) para atrair a atenção dos compradores. Trechos dos romances em verso eram lidos em voz alta pelos “ cordelistas”, incrementando a venda compulsória dos folhetos.”²

De acordo com Joseph M. Luyten, no prefácio das edições de cordel que começaram a ser publicadas em 2000, “apesar da maciça bibliografia crítica e da vasta produção de folhetos (mais de 30 mil folhetos de 2 mil autores classificados), a literatura de

¹ Jornalista, professora de Jornalismo da UEPG, doutoranda do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC.

² Texto publicado no Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação (JBCC, ano 2, n. 82, 21 de abril de 2000). Disponível em <http://www2.metodista.br/unesco/jbcc/jbcc82.htm>

cordel – cujo início remonta ao fim do século XIX – continua ainda em boa parte desconhecida do grande público, principalmente por causa da distribuição efêmera dos folhetos”.

Além de desconhecida, sabe-se também que este tipo de literatura foi menosprezada pela intelectualidade por vários séculos, não obtendo o mesmo reconhecimento de outros tipos de obras.

No entanto, reconhece-se atualmente que não se pode mais associar o termo “cultura popular” a uma produção de menor valor em comparação com obras de autores clássicos, como uma percepção elitista de cultura tentou sustentar por muito tempo, a partir de determinados padrões estéticos em que não havia espaço para as expressões literárias das classes populares. Afinal, o valor desta literatura ‘marginal’ está na riqueza de sua forma e na maneira criativa com que consegue falar sobre o cotidiano, versões não-oficiais da história ou personagens que povoam o imaginário popular.

Entre os livros mais vendidos da coleção está o do cearense Patativa do Assaré (organizado por Silvie Debs), que é hoje um dos mais conhecidos poetas populares brasileiros, possuidor de uma extensa obra que enfatiza a linguagem popular falada no Brasil todo para contar histórias diversas com inigualável vivacidade. Semi-analfabeto, Patativa teve apenas quatro meses de escola, que foram suficientes para aprender a ler. Conta-se que, quando menino, vendeu uma ovelha para comprar uma viola, tornando-se famoso pela voz (que lhe valeu o apelido, nome de uma ave da Chapada do Araripe), pelos improvisos e pela memória prodigiosa.

Assim como Patativa do Assaré, muitos outros cordelistas tiveram uma biografia marcada pela vida humilde e pela pouca escolaridade, além das dificuldades financeiras para publicar suas obras. Daí o uso ainda corrente de métodos artesanais, como a xilogravura, na fabricação dos folhetos, que são vendidos a um baixo custo (entre R\$ 1,00 e R\$ 3,00) nos espaços públicos de diversas localidades do Brasil. Os versos destes poetas populares, no entanto, além de se tornarem conhecidos através da leitura, costumam ser musicados pelos repentistas, chegando a públicos diversos. O cordel é conhecido, portanto, como a versão impressa das pejeas e cantorias de violeiros, em que são utilizadas formas fixas como o "verso", a "colcheia" e a "décima" (estrofes típicas dos desafios e das glosas dos repentistas), dentre outras.

É esta espontaneidade e criatividade que faz com que a literatura de cordel figure como uma das mais importantes expressões populares do Brasil, registrando singularidade de falas, tipos populares e críticas através de seus autores. No texto de apresentação da coleção, Luyten lembra que:

“Embora a imensa maioria dos autores seja de origem nordestina, não serão esquecidos outros pólos produtores de poesia popular, como a região sul-riograndense e a antiga capitania de São Vicente, que hoje abrange o interior de São Paulo, Norte do Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, parte de Minas Gerais e Goiás. Em todos esses lugares há poetas populares que continuam a divulgar os valores do seu povo. É isso sem nos esquecermos do Novo Cordel, aquele feito pelos migrantes nordestinos que se radicaram nas grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Tudo isso resultará em um vasto panorama que nos permitirá avaliar a grandeza da contribuição poética popular.” (LUYTEN, 2003, p. 05-06)

Torna-se importante destacar que este fenômeno atraiu a atenção dos pesquisadores da cultura popular, de tal modo que a literatura de cordel é uma das expressões mais analisadas pela perspectiva teórica da “folkcomunicação”, que busca investigar os processos culturais como formas de comunicação das classes subalternas. Através da Coleção Biblioteca de Cordel, da Editora Hedra, é possível conhecer alguns autores populares e os principais elementos de suas obras, constituindo importante fonte para a valorização da autêntica cultura popular brasileira.